

*Bem, pessoal,*

*imagino o que muitos estão pensando e perguntando: qual será a desculpa desta vez?*

*Nunca houve desculpa para eu não ir ao Taiti, sempre falei a verdade. Os problemas que tive nos anos anteriores só fizeram com que eu adiasse a decisão mais importante da minha vida. Hoje estou em condições físicas para enfrentar Teahupoo, mas não tenho condições psicológicas para enfrentar o pior fantasma da minha vida. Eu já havia decidido que não voltaria lá, mas algumas pessoas próximas a mim tentaram me ajudar a enfrentar esse problema e por isso adiei até o último momento, ou seja, antes de embarcar neste domingo. Todos têm medo daquela onda, quem não teria?, mas uns conseguem controlar esse sentimento, outros não. Todo ser humano tem seu limite, e hoje meu limite é Teahupoo e não tenho problemas com outras ondas no mundo. Teahupoo é uma onda que não permite hesitar, pois pode ser fatal à vida de quem tem de tomar a decisão. Hoje não me encontro totalmente preparado para tomar uma decisão sem hesitar nesse lugar e minha vida vale muito mais do que aquele prêmio em dinheiro.*

*Quero me desculpar com as pessoas que decepcionei e que me apoiaram até o fim e agradecer aquelas que continuam me apoiando na decisão mais difícil da minha vida. E, aos críticos de plantão que já especulavam sobre isso, quero dizer uma coisa: não tive coragem de enfrentar aquela onda novamente, mas tive muita coragem para admitir que hoje não estou preparado para isso.*

*A todos quero deixar claro que, antes de tornar-me surfista profissional, meu amor à primeira vista pelo surfe sempre foram as ondas grandes. Minha onda predileta é Sunset. Irei especializar-me nessa onda e voltarei convicto de conquistar o meu desejo.*

*Obs.: O ano ainda não acabou e tenho direito, por regra, a dois descartes.*

*Um grande abraço*

*Neco Padaratz*

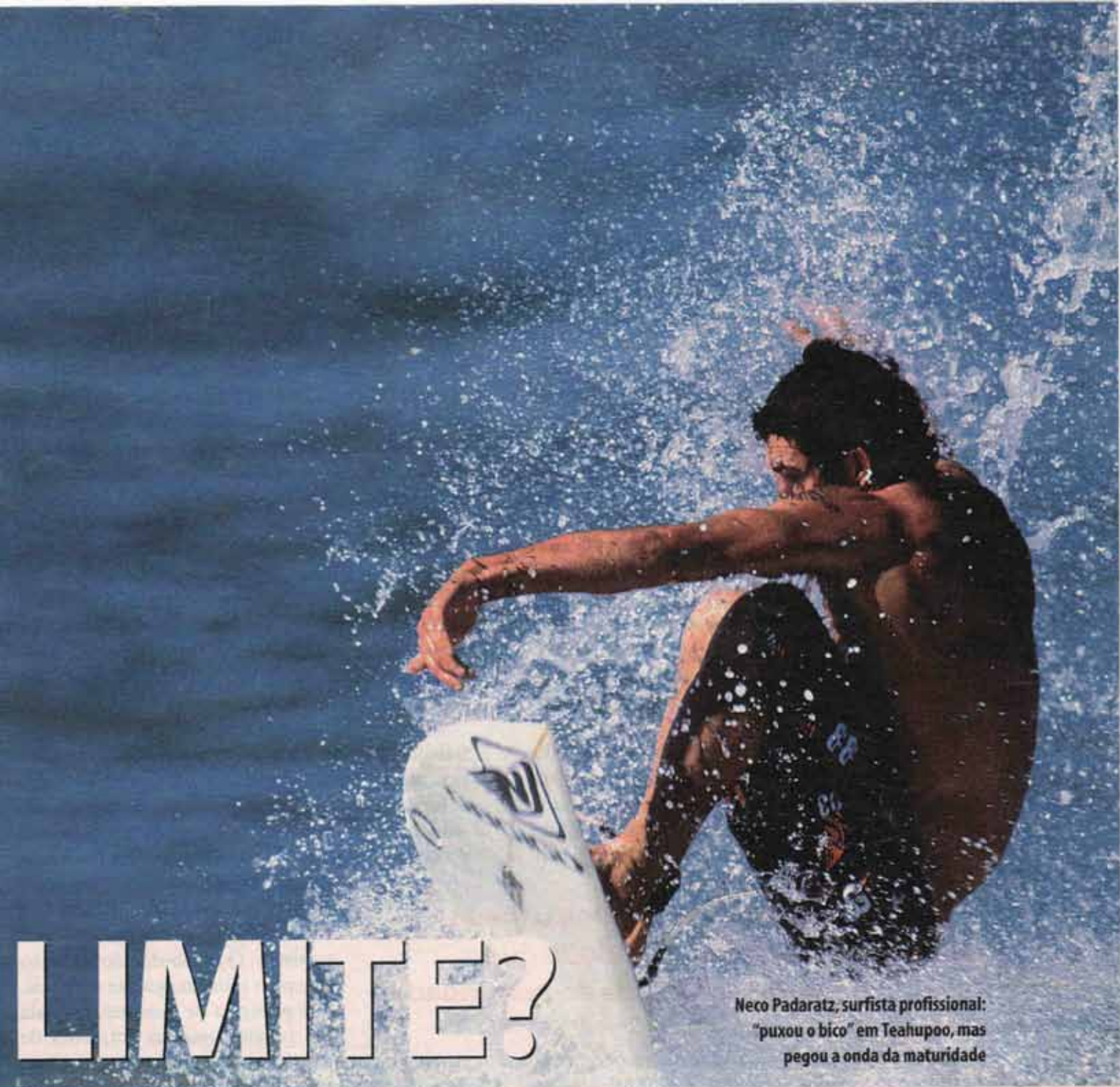
*(carta enviada à imprensa no início de maio, desistindo da terceira etapa do mundial de surfe)*

# QUAL É O SEU

Respeitar os próprios limites é um ato de maturidade e de pura coragem. É saber dizer não — mesmo quando todo mundo espera que você diga sim

**POR EUGENIO MUSSAK (\*)**

Quem já experimentou a emoção de surfar, de descer uma onda equilibrando-se numa prancha de poliuretano medindo entre 1,85 e 2,13 metros, sabe que poucas sensações podem ser mais espetaculares e mais difíceis de se traduzir em palavras. O imenso prazer do surfe é proporcional à dificuldade em praticá-lo. Remar montado na prancha, aguardar na área adequada, escolher a onda certa, entrar nela no momento preciso, alinhar o eixo, ficar de pé e equilibrar-se para, finalmente, surfar. Mas o surfe não é só isso. É preciso preparo físico e resistência ao frio, ao vento, ao sol, às águas-vivas, aos recifes, à hostilidade de grupos nativos.



Neco Padaratz, surfista profissional: "puxou o bico" em Teahupoo, mas pegou a onda da maturidade

# LIMITE?

O surfe é considerado um esporte para gente corajosa, independentemente do sexo e da idade. Nesse meio, uma atitude de não-coragem é vista com desconfiança. Há até um vocabulário próprio para descrever aqueles que tremem na hora H, como "amarelar" e "puxar o bico". Essas duas expressões, contudo, têm significados bem diferentes.

**"Amarelar" significa desistir de enfrentar uma situação perigosa ou difícil por puro medo. Já "puxar o bico" é não enfrentar uma situação por não a considerar apropriada — e isso nada tem a ver com medo.** Imagine a cena. Você entra numa onda com a melhor das intenções e, de repente, percebe que algo

está errado. Alguém entrou na sua frente, ou você não está bem posicionado, ou você ainda se encontra muito perto dos recifes e corre perigo. Não importa. Surgiu uma situação na qual a prudência deve falar mais alto. O que você faz? Desvia o eixo da prancha retirando-a da onda, ou seja, "puxa o bico" e vai esperar uma onda melhor. Você não "amarelou", apenas "puxou o bico".

Foi o que fez Neco Padaratz, o surfista catarinense que está entre os melhores do mundo, ao anunciar que não iria participar da terceira etapa do mundial de surfe, o World Championship Tour (WTC), em Teahupoo, no Taiti. Neco "puxou o bi-

co" de Teahupoo, mas acabou pegando a melhor onda de sua vida. Ele deu uma espetacular lição de grandeza, pois teve a humildade de reconhecer que não estava preparado psicologicamente para enfrentar essa etapa. Aqui vale lembrar que a humildade é uma qualidade dos grandes.

Na carta aberta que escreveu e que está publicada no início desta reportagem, o catarinense afirma que "todo ser humano tem seu limite, e hoje, meu limite é Teahupoo". **Nenhuma onda do mundo mete medo em Neco, nem as de Teahupoo. Ele apenas reconhece o perigo que, em 2000, quase tirou sua vida.** Naquela oportunidade, Neco foi literalmente sugado pela onda durante uma disputa e arremessado de encontro aos corais. Ele ficou ali, preso, sendo resgatado nos últimos instantes. Neco realmente entende de limites, pois esteve justamente naquele que separa a vida da morte.

Coragem não é o oposto do medo. O oposto do medo é o "não-medo", e cumpre função contrária a ele. O medo é uma condição tão óbvia que carece de exploração. Mas sempre é bom lembrar que se trata de uma necessidade da própria biologia, li-

**"A coragem não elimina o medo, mas cria com ele uma dualidade que pode ser chamada de maturidade"**

gada à manutenção da vida. O medo impede a exposição do indivíduo — animal ou humano — ao perigo. Nesse sentido, o não-medo é danoso à vida, é contrário à existência, é irresponsável para com a própria natureza. Não ter medo significa não ter apego à própria condição de ser vivo, podendo, nesse sentido, ser interpretado como uma patologia. É caso, portanto, para especialistas da área.

Já a coragem é um estado de superação baseado na lucidez, na percepção das próprias capacidades e limites, no autoconhecimento. A coragem transita entre o medo e o não-medo. Supera o primeiro, mas se ri do segundo. O corajoso não é um imprudente. Ele tem medo, mas vence, não por bravata, mas por se preparar para enfrentar as dificuldades denunciadas pelo medo.

Todos conhecem a história da colossal baleia

Moby Dick. Trata-se de um livro do escritor americano Herman Melville, que, antes de ser escritor, foi marinheiro. A história é relatada pelo jovem Ismael, o único sobrevivente da viagem que tinha por finalidade caçar Moby Dick, uma obsessão do comandante Acab, capitão do navio baleeiro *Pequod*. **Pois bem, o capitão Acab, esse corajoso lobo-do-mar, dono de um currículo que incluía encontros anteriores com a tal baleia, ao dirigir-se à tripulação, disse: "Não quero no meu barco nenhum homem que não tenha medo de baleia".** A filosofia do capitão, que queria homens corajosos, mas não sem medo, é o melhor testemunho da importância do autoconhecimento, que nos permite avaliar os nossos limites e os nossos alcances. A vitória da baleia Moby Dick não é a vitória da imprudência, e sim um alerta ao valor da cautela.

A vida da maioria de nós, mortais comuns, que trabalhamos em escritórios, empresas, consultórios, parece, numa primeira análise, que pouco tem a ver com as fantásticas histórias que vimos até aqui. Mas isso não é verdade. Independentemente do que faça, você acaba encontrando seu Teahupoo ou sua Moby Dick. E você faz muito bem em ter medo deles, o que não significa que você esteja acovardado. O dia-a-dia do cidadão que pega trânsito, que faz negócios, que participa de reuniões, que fala em público, que faz entrevista de

emprego, que enfrenta chefe nervoso, é, sim, cheio de pequenos "perigos". Eles reúnem a qualidade da superposição e da acumulação. Atualmente, sobrevivência é sinônimo de superação. Precisamos estar em permanente processo de melhoria, pois do contrário seremos superados pela concorrência.

A coragem não elimina o medo, mas cria com ele uma dualidade que pode ser chamada de maturidade. Essa foi a onda em que Neco Padaratz surfou. A onda da maturidade, a melhor de todas, pois é a que nos dá a verdadeira sensação de liberdade. Neco não precisa provar mais nada para ninguém. Para ele, a maturidade chegou aos 27 anos. E a sua, amigo leitor, como anda? □

(\*) Eugenio Mussak é educador e consultor de empresas, mas já pegou ondas e é pai de um engenheiro surfista que mora em Florianópolis  
(www.eugeniomussak.com.br/contato@eugeniomussak.com.br)